

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 7 de julho de 1901

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

## VELHARIAS

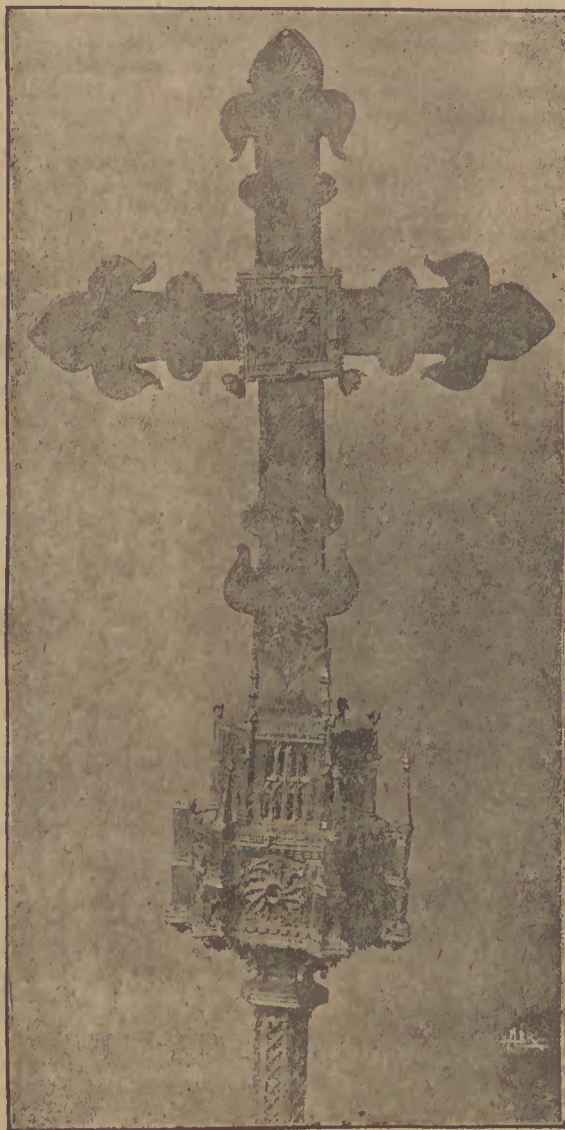
Barcellos  
no seculo passado

Accitamas a emenda. E porque não?

Não queremos fugir ao *errare humanum est* (o errar é proprio dos homens) dos nossos velhos avoengos que floresceram no tempo em que só se falava latim, que o Rei Lavrador, como portuguez de lei, mandou pôr de parte e usar a lingua portugueza, e n'tão bem longe de ser o que hoje é. Só o Papa gosa do privilegio de não errar, e ainda assim restrictamente, em materia religiosa, e nada mais.

E quem não erra em citações historicas? quantas discussões tem havido, quantos livros se tem escripto, devido ao mesmo acontecimento nos ser transmittido por duas ou mais opiniões controversas?

Demais a emenda não destroe o que escrevemos, apenas corrige uma parte que até nós chegou um pouco alterada, o que não admira porque o tempo tudo come e a tradição, correndo de bocca em bocca,



A cruz da freg.ª da Magdalena, sobre que escreveremos no proximo n.º

vae sempre modificando a seu prazer o facto a que se refere, e d'ahi se originou o adagio *quem conta um conto acrescenta um ponto*.

E pomos ponto.

\*

Tinhamos resolvido que os manes de José Selleiro, fazendo na sua eterna mansão, não seriam d'esta vez despertados, mas visto que abrimos esta chroniqueta referindonos ao saudoso morto, diremos ainda d'elle.

\*

Não está bem averiguado se elle exercia o logar de official da Administração do Concelho nos intervallos da bohemia, ou se esta é que prehencia o tempo que lhe sobrava do desempenho do seu cargo. Seja como fôr o que se sabe é que José Selleiro, n'uma manhã de lindo sol nascente, atravessava o mercado e viu duas mulheres socando-se valentemente, agarradas simultaneamente pelo mais bello ornamento do rosto feminino o—cabello. Aproximou-se e com toda a fleugma policial separou as contendoras dando-lhes voz de prisão. Uma

d'ellas, tornada surpresa e espanto, cheia de admiração pelo que ouvira, e que não podia acreditar, disse-lhe.

—Oh! José? então tu prendes-me?

—Não conheço ninguém.

Estão presas.

E lá vão os tres a caminho da casa do sr. Administrador que era o Faria Rego. Chegados, José manda dizer pela criada o motivo de sua matutina visita. O Administrador, que ainda estava na cama, deu ordem para serem recolhidas as pessoas na cadeia, mas um acaso feliz para ellas quiz que a esposa do Administrador fosse a portadora da ordem terrível, e quando a communicava ao official, olhou para as mulheres, conhecendo uma a quem dirigiu esta pergunta:

—Então você é uma das presas?

—E' verdade, minha senhora. Estou envergonhada pela prisão e ainda mais por quem o fez.

José Selleiro, respeitoso e imperturbavel respondeu.

—Sim, minha senhora.

Ella não tem de que se queixar. Em questões de serviço não conheço ninguém. Vi duas mulheres em desordem, prendi-as.

—Esperem que eu volto.

A sr.<sup>a</sup> D. Carlota dirigiu-se ao marido, dizendo-lhe que umas das presas era a propria esposa do José Selleiro, e referiu a resposta d'elle.

—Pois então manda-as embora. IV

## "A LAGRIMA,, SUSPENSA

A" Lagrima,, não saiu á luz da publicidade, desde o dia 15 de maio, por causa da malfadada politica.

Nunca em Barcellos apparecesse essa maldita causa do Franco e mais do Hintze.

Nós vamos contar.

Ahi havia só dous homens monarchicos que se intitulavam dirigentes na localidade: um dos progresistas e outro dos regeneradores; chamava-se o primeiro, José Ramos e o segundo, José Novaes.

Rebenta em Lisboa uma animadversão entre aquelles dous vultos—que ambos se querem arrogar chefes da regeneração—e vae d'ahi, em todas as terras do paiz se dividem opiniões e interesses: poem-se uns ás ordens do Franco e outros ás do Hintze, adluzindo todos razões que só não convencemo pae dos filhos... do Pegas.

Nós estavamos attonitos, sem direcção politica, quando nos surge o sr.

*José de Castro*

apeiado ipsis-verbis da sua victoria.

Venha de lá um abraço, caro collega!

—Collega!

—Sim... eu se não sou jornalista sou politico, que é a mesma cousa. Tambem minto de vez em quando, fallo ás minhas conveniências, como vocês fazem todos os dias...

—Muito obrigado, sr. dr., pelo elogio. Então v. ex.<sup>a</sup> vem maravilhado de Lisboa?

—Eu... Eu já fui a Paris... E demais, carissimo collega, não me interrompa. Para um politico, mais do que para ninguem, o tempo é dinheiro. Ora eu venho aqui pedir-lhe que se ponha incondicionalmente ao meu lado, pois acabo de romper com o José Novaes. Encontro-me, ao contrario d'elle, servindo o Hintze, que é, por obra e graça de Deus, o legitimo chefe em Portugal, Algarve e ilhas adjacentes, do partido do Fontes, pessoa, como o papa, indiscutivel e inviolavel. Tem v. comigo tudo a lucrar, pois a maré é recompensadora, e se quer navegar largo, dê-m'a mão. Olhe que o Franco nunca lá vae! Adeus, pense collega.

—Adeus dr.

Ainda o assento estava quente pelas almo-reimas do sr. José de Castro e eis que nos rompe pela porta dentro o sr. conselheiro.

*José Novaes*

—Oil em Barcellos?

—Eu não estou aqui estou mas sim no Gerez a tomar aguas. Por outra: estou aqui e em toda a parte ao mesmo tempo; tenho o poder da obiquidade!! (Pon lo-nos a mão sobre o hombro, chamou-nos de parte e continuou.) Venho solicitar-lhe a colaboração da "Lagrima,,... O sr. é franco?

—O' sr. conselheiro! sinceros como pouca gente...

—Pois bem. Seja então franco, mas com F grande, e não Hintze. Eu sou o primeiro homem d'esta terra e esta terra deve-me os seus primeiros melhoramentos. Ainda ninguem deslocou em Barcellos mais toneladas de actividade em serviços publicos e particulares. V. sabe que estou indicado pelos franquistas para ministro; e vou lá. O Castro esará breve como os castros romanos, em ruinas, perdido para Deus e para o mundo. Siga a minha politica e perca depois a sua ultima esperança, caso os enlreitas entortem o paiz.

—Então, a leus.

Julgamo'-nos livres d'estes maçalores politicos, quando nos assoma ao limiar do recinto onde se tem passado estas entrevistas, o sr. dr.

*José Ramos*

—V. ex.<sup>a</sup> por aqui? E' de admirar!

—E' verdade! E' verdade! Arranjos, carissimo. O sr. redactor sabe diminuir? Bem. Pois quem por exemplo a 12 tira 4, restam 8. O partido regenerador...

—Ahi vem'v. ex.<sup>a</sup> com a politica!

—O partido regenerador com a scisão, que

tem pôsto muito homem indeciso, tirou bastantes votos ao José Nôvaes. Quem é o mais forte actualmente sou eu e dos fracos não reza a historia. Confesso que tinha grande maioria o partido regenerador, antes do rompimento do Franco. Agora, não.

Sempre é um partido, partido. O melhor partido, pois, que o sr. redactor pôde tirar, é por-se aos meus serviços.

—Muito obrigado, ex.<sup>mo</sup> sr.

Uma vez retirado este cavalheiro, recebemos nos braços o sr. dr.

*Maquel Pães*

Sem mais preambulos s. ex.<sup>a</sup> fallou-nos assim:

—Diz-me o que fazia aqui o dr. Ramos?

—?

Offereço-lhe sinceramente os meus serviços e termino com a phrase d'aquelle celebre sapaiteiro de Braga:

—«Arrel! Aqui havemos de comer todos, ou então hade haver moralidade.»

Pois ainda não acaba aqui a estopada. Vê-mos lá adiante, como vindo da Agrella, o sr. dr.

*Martins Lima*

e dirige-se apressadamente para cá. O' sr. dr., entre e cubra-se que está suado. Mesmo v. ex.<sup>a</sup> não tendo o chapéu na cabeça, as moscas dão-lhe cabo da careca!

—Pois então com sua licença E sem exordio, entre no assumpto.

Eu vi entrar para aqui os politicões cá da terra. Não se fie em cantigas. Eu até estou nervoso. caspitê! Dentro da monarchia não se pode erguer o paiz. A' républica é que está destinado o levantamento da patria. «Se a monarchia nos pode salvar, que nos salve», dizia ha annos o José Falcão. Pois não vi nada. Está Portugal irremediavelmente perdido e quem o ha de fazer resurgir não é aquelle *Zé Povinho* criado e caricaturado pelo Bordallo Pinheiro. O verdadeiro Zé Povinho é v., sr. redactor, sômos nós os medicos, são os industriaes, etc., porque o outro, coitado, esse Zé vae para aonde o mandam. Seja a «Lagrima» o orgão da Republica. Viva ao menos do que ainda é ideall

\*

Ora por estas razões é que nós temos estado com a «Lagrima» suspensa.

IMPRESSÕES DE VIGO

Ninho de rouxinoes?...

Mansão de fadas?...

Um baleão do paraizo?...

.....

Tudo isto é, em Vigo, a esplendida e pittoresca morada do Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Monteiro, prestigioso Vice-consul de Portugal.

D. Manuel Diego Santos, o sympathico presidente da Commissão de Vigo e o já lendario amigo dos portuguezes, tinha-nos convidado para ir presenciar a romaria ao Campo de Granada, pondo tres commodos coches á nossa disposição. Partimos do Atheneu Commercial e fomos subindo o monte enlevados na contemplação do magestoso panorama. No Campo de Granada havia um formigueiro de milhares de pessoas, folgando e rindo, apreciando as harmoniosas musicas, ou divertindo-se com os *gigantones* e *cabeçudos*.

Depois de percorrermos o arraial, em direcções varias, guiou-nos D. Manuel Diego para casa do Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Monteiro, portuguez natural das ilhas adjacentes e ha muito residente na *Perola dos Mares*.

Franqueado bizarramente o portão, achamo'-nos no seu magnifico jardim.

Sombras deliciosas, múrmuras casentas, canteiros formosissimos onde a pujança da força vegetativa da natureza se cria e combina com o gosto exquisito e *raffiné* do artista.

Foram-se-nos os olhos na admiracão de uma magnifica japoneira com cinco ou seis metros de altura a que a proficiencia do jardineiro dera a fórma de um grosso charuto cylindrico.

Ao fundo do jardim um gradil com confortaveis assentos de onde se disfructa a esplendida bacia de Vigo, que n'essa occasião era de um azul purissimo, esbatendo-se ao longe na cadeia das montanhas os cambiantes liliaceos do sol poente. Penetra-se na deliciosa habitação por um vestibulo ao nivel do jardim, rectangular, com columnatas e voltado ao sul.

Para o lado do norte termina a casa por uma larga varanda de feição italiana, que voltada para a ria em terreno descendente é tudo o que temos visto de mais formoso e confortavel.

Excellente mobiliario, objectos riquissimos, tons de luz doce e seismadora impressionavamos profundamente, a que se vinha juntar a amenidade sincera e desprezenciosa do ex.<sup>mo</sup> sr. Monteiro, tão rico de bens de fortuna como de qualidades de coração.

Era por egual o luxo e o bom gosto dos aposentos e da sala de jantar, onde a ex.<sup>ma</sup> Sobrinha do nosso sympathico patricio, sênhora de uma amabilidade penhorante, nos mandou servir excellente Porto e Champanhe.

Agradecendo aqui a galharda obsequiosidade do ex.<sup>mo</sup> sr. Monteiro, quedamo-nos a pensar na descripção do Valle de Santarem, que tantos lemos em infancia, em que Almeida Garrett, o principe dos nossos escriptores modernos, nos debucha em maravilhosos traços a residencia da *menina dos rouxinoes*

Se fóra Garrett que escrevesse o que nos vae na alma!

## LAGRIMA

\*  
Na pittoresca estação de Porriño uma comissão de formosas senhoritas veio manifestar aos excursionistas portuguezes a sua generosa sympathia, entregando variegados ramos de flores naturaes.

Faziam parte d'essa graciosa commissão as senhoritas D. Luz Casanoba, D. Francisca de Haz, D. Francisca Carrera, D. Carmen Fraga, D. Carmen Palacios, D. Carmen Gomes.

Devemos estas informações á obsequiosidade de D. Faustino G. Cobas, respeitavel medico de Moz.

Pela nossa parte *muchas gracias, Senhoritas!*

“Ver Vigo e depois morrer,, esta é que é a verdade...

Quando o Souza, da Fazenda, que é economico ás direitas, promette ir áquella cidade, amanhã, nas mesmas condições em que foi a excursão barcellense, imagine o leitor que encanto!

O José Vallongo, que está quanto a larguezas de bolsa para o Souza como o Thomaz está em actividade commercial comparado á actividade politica do José Novaes, o Vallongo até promette voltar a Vigo hoje, se se lhe oferecer a occasião azada.

Rompe a bexiga, no mesmo momento em que o comboio rompe a marcha e demora até que o excursionista põe o pé em Barcellos, e é porisso que a gente nem á mão de Deus Padre pode ficar á lareira.

\*  
Logo que o comboio entra nas fronteiras, temos uma nota pinturesca do Gonçalo David descobrir tojo legitimamente hespanhol ali a talho de foice do comboio.

A primeira palavra dita na... lingua de Cervantes é devida á iniciativa pessoal do Cagalhufas, quando virado para um restauranteiro de Guillarey exclama: «Signôr, botau aqui vino n'esta copicha por um vinténe».

Até á estação de Vigo, o mais notavel é a seguinte estatística de aves e outros bichos sacrificados á guloseima dos filhos de Barcellos:

Frangos, 60; pescadas, 25; fiambre, 500 grammas; trigo, 80 pães; pão de milho, 12 boróas; sardinhas da caravella, 100; vinho, 55 garrafas, de diferentes dimensões e feitios; vitella, 1 quarto de boi; figado 250 grammas; sebo de Hollanda, 30 grammas; doce, 200 réis de rosquilhos. O João Esteves levou um vintem de cerejas, o filho do Antonio Araujo, seis pécegos de aparta caruho e o Alberto Guimarães se não levou na la, foi porque não quiz, pois di-nheiro não lhe faltou nunca.

Desde a chegada á estação até á casa da Camara—onde Martins Lima fez um dos melhores, dos mais superiores, dos mais entusiastas

e sinceros discursos, que lhe temos ouvido—caem sobre os excursionistas turbilhões de flores e estalam no ar exclamações estrondosamente festivas.

(N'este percurso o nosso amigo Luiz Ferraz soffre um dissabôr, pois uma gallega, grande como um gigantone, pisa-lhe um calô.)

No meio d'uma apopletica animação, o Souza da Fazenda berra por uma casa onde as comidas não tenham colorau, do contrario diz vêr-se obrigado a regressar na volta... do correio a esta villa para tomar banhos d'aseato!...

Apoz todos aquartellados recebemos uma queixa do José Vieira, por lhe terem levado um duro (950 réis da moeda barcellense) por um coixão de carneiro rheumatico.

Chegada a primeira noite foi um regalo admirar as illuminações: a acetylène, a gaz carbonico, a fôcos voltaicos, a veneziana.

O fogo esse, um primor de arte.

Muzicas: basta dizer que se gosava a de Zaragoza, a melhor banda militar de Hespanha.

O Domingos Martins prometteu pôr lá o seu tolde ambulante de comidas e deixar acabar n'aquella risonha cidade os seus ricos ossos.

Quando 40 vapôres navegavam na ria—onde cabim mais de tresentas mil feiras, como a nossa semanal—o José Alves de Faria cahiu com uma syncope de alegria nos braços do Coelho Gonçalves.

Depois, no dia seguinte, a visita ao Lyceu de Artes e Officios, completo, verdadeiro modêlo, que superiôr não o tem o visinho reino, rico de apparatus, de modêlos, de luz, de illuminação, de agua, varou os amantes do progresso e varou-os de lado a lado.

E demais, tudo assim,—hospitalidade, franqueza, sorrisos, boas vontades, alegrias!

O jantar offerecido pelo proprietario do «Faro de Vigo» aos jornalistas, a que assistimos, foi um requinte de espirito fino, intellectual, em que se affirmaram verdades e se combateram erros. A seguir, o passeio na ria, entre os periodistas hespanhoes e distinctas senhoras vigueses, n'um formoso vapôr, ao luar, no qual se recitou e cantou, ha de per-lurar na nossa memoria como uma das cousas mais felizes da nossa vida.

*Em vista da accumulção de originaes, só no proximo numero podemos publicar grande quantidade de piadas, com grande refinamento de espirito... de espirito de vinho.*

*Domingo que vem, preparem-se para um cyclone de gargalhadas.*